

**II - MEU REINO
NÃO É DESTE
MUNDO**

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO II - MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO

1. Pilatos, tendo entrado de novo no palácio e feito vir Jesus à sua presença, perguntou-lhe: És o rei dos judeus? - Respondeu-lhe Jesus: Meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, a minha gente houvera combatido para impedir que eu caísse nas mãos dos judeus; mas, o meu reino ainda não é aqui. Disse-lhe então Pilatos: És, pois, rei? - Jesus lhe respondeu: Tu o dizes; sou rei; não nasci e não vim a este mundo senão para dar testemunho da verdade. Aquele que pertence a verdade escuta a minha voz. (S. JOÃO, cap. XVIII, vv. 33, 36 e 37.)

A vida futura

2. Por essas palavras, Jesus claramente se refere à *vida futura*, que ele apresenta, em todas as circunstâncias, como a meta a que a Humanidade irá ter e como devendo constituir objeto das maiores preocupações do homem na Terra. Todas as suas máximas se reportam a esse grande principio. Com efeito, sem a vida futura, nenhuma razão de ser teria a maior parte dos seus preceitos morais, donde vem que os que não crêem na vida futura, imaginando que ele apenas falava na vida presente, não os compreendem, ou os consideram pueris.

Esse dogma pode, portanto, ser tido como o eixo do ensino do Cristo, pelo que foi colocado num dos primeiros lugares à frente desta obra. E que ele tem de ser o ponto de mira de todos os homens; só ele justifica as anomalias da vida terrena e se mostra de acordo com a justiça de Deus.

3. Apenas idéias muito imprecisas tinham os judeus acerca da vida futura. Acreditavam nos anjos, considerando-os seres privilegiados da Criação; não sabiam, porém, que os homens podem um dia tomar-se anjos e partilhar da felicidade destes. Segundo eles, a observância das leis de Deus era recompensada com os bens terrenos, com a supremacia da nação a que pertenciam, com vitórias sobre os seus inimigos. As calamidades públicas e as derrotas eram o castigo da desobediência àquelas leis. Moisés não pudera dizer mais do que isso a um povo pastor e ignorante, que precisava ser tocado, antes de tudo, pelas coisas deste mundo. Mais tarde, Jesus lhe revelou que há outro mundo, onde a justiça de Deus segue o seu curso. E esse o mundo que ele promete aos que cumprem os mandamentos de Deus e onde os bons acharão sua recompensa. Aí o seu reino; lá é que ele se encontra na sua glória e para onde voltaria quando deixasse a Terra.

Jesus, porém, conformando seu ensino com o estado dos homens de sua época, não julgou conveniente dar-lhes luz completa, percebendo que eles ficariam deslumbrados, visto que não a compreenderiam. Limitou-se a, de certo modo, apresentar a vida futura apenas como um principio, como uma lei da Natureza a cuja ação ninguém pode fugir. Todo cristão, pois, necessariamente crê na vida futura; mas, a idéia que muitos fazem dela é ainda vaga, incompleta e, por isso mesmo, falsa em diversos

pontos. Para grande número de pessoas, não há, a tal respeito, mais do que uma crença, balda de certeza absoluta, donde as dúvidas e mesmo a incredulidade.

O Espiritismo veio completar, nesse ponto, como em vários outros, o ensino do Cristo, fazendo-o quando os homens já se mostram maduros bastante para apreender a verdade. Com o Espiritismo, a vida futura deixa de ser simples artigo de fé, mera hipótese; torna-se uma realidade material, que os fatos demonstram, porquanto são testemunhas oculares os que a descrevem nas suas fases todas e em todas as suas peripécias, e de tal sorte que, além de impossibilitarem qualquer dúvida a esse propósito, facultam à mais vulgar inteligência a possibilidade de imaginá-la sob seu verdadeiro aspecto, como toda gente imagina um país cuja pormenorizada descrição leia. Ora, a descrição da vida futura é tão circunstanciadamente feita, são tão racionais as condições, ditosas ou infortunadas, da existência dos que lá se encontram, quais eles próprios pintam, que cada um, aqui, a seu mau grado, reconhece e declara a si mesmo que não pode ser de outra forma, porquanto, assim sendo, patente fica a verdadeira justiça de Deus.

A realeza de Jesus

4. Que não é deste mundo o reino de Jesus todos compreendem, mas, também na Terra não terá ele uma realeza? Nem sempre o título de rei implica o exercício do poder temporal. Dá-se esse título, por unânime consenso, a todo aquele que, pelo seu gênio, ascende à primeira plana numa ordem de idéias quaisquer, a todo aquele que domina o seu século e influi sobre o progresso da Humanidade. E nesse sentido que se costuma dizer: o rei ou príncipe dos filósofos, dos artistas, dos poetas, dos escritores, etc. Essa realeza, oriunda do mérito pessoal, consagrada pela posteridade, não revela, muitas vezes, preponderância bem maior do que a que cinge a coroa real? Imperecível é a primeira, enquanto esta outra é juguete das vicissitudes; as gerações que se sucedem à primeira sempre a bendizem, ao passo que, por vezes, amaldiçoam a outra. Esta, a terrestre, acaba com a vida; a realeza moral se prolonga e mantém o seu poder, governa, sobretudo, após a morte. Sob esse aspecto não é Jesus mais poderoso rei do que os potentados da Terra? Razão, pois, lhe assistia para dizer a Pilatos, conforme disse: “Sou rei, mas o meu reino não é deste mundo.”

O ponto de vista

5. A idéia clara e precisa que se faça da vida futura proporciona inabalável fé no porvir, fé que acarreta enormes conseqüências sobre a moralização dos homens, porque muda completamente *o ponto de vista sob o qual encaram eles a vida terrena*. Para quem se coloca, pelo pensamento, na vida espiritual, que é indefinida, a vida corpórea se torna simples passagem, breve estada num pai ingrato. As vicissitudes e tribulações dessa vida não passam de incidentes que ele suporta com paciência, por sabê-las de curta duração, devendo seguir-se-lhes um estado mais ditoso. A morte nada mais restará de aterrador; deixa de ser a porta que se abre para o nada e torna-se a que dá para a libertação, pela qual entra o exilado numa mansão de bem-

aventurança e de paz. Sabendo temporária e não definitiva a sua estada no lugar onde se encontra, menos atenção presta às preocupações da vida, resultando-lhe daí uma calma de espírito que tira àquela muito do seu amargor.

Pelo simples fato de duvidar da vida futura, o homem dirige todos os seus pensamentos para a vida terrestre. Sem nenhuma certeza quanto ao porvir, dá tudo ao presente. Nenhum bem divisando mais precioso do que os da Terra, torna-se qual a criança que nada mais vê além de seus brinquedos. E não há o que não faça para conseguir os únicos bens que se lhe afiguram reais. A perda do menor deles lhe ocasiona causticante pesar; um engano, uma decepção, uma ambição insatisfeita, uma injustiça de que seja vítima, o orgulho ou a vaidade feridos são outros tantos tormentos, que lhe transformam a existência numa perene angústia, *infligindo-se ele, desse modo, a si próprio, verdadeira tortura de todos os instantes*. Colocando o ponto de vista, de onde considera a vida corpórea, no lugar mesmo em que ele aí se encontra, vastas proporções assume tudo o que o rodeia. O mal que o atinja, como o bem que toque aos outros, grande importância adquire aos seus olhos. Aquele que se acha no interior de uma cidade, tudo lhe parece grande: assim os homens que ocupem as altas posições, como os monumentos. Suba ele, porém, a uma montanha, e logo bem pequenos lhe parecerão homens e coisas. É o que sucede ao que encara a vida terrestre do ponto de vista da vida futura; a Humanidade, tanto quanto as estrelas do firmamento, perde-se na imensidade. Percebe então que grandes e pequenos estão confundidos, como formigas sobre um montículo de terra; que proletários e potentados são da mesma estatura, e lamenta que essas criaturas efêmeras a tantas canseiras se entreguem para conquistar um lugar que tão pouco as elevará e que por tão pouco tempo conservarão. Daí se segue que a importância dada aos bens terrenos está sempre em razão inversa da fé na vida futura.

6. Se toda a gente pensasse dessa maneira, dir-se-ia, tudo na Terra periclitaria, porquanto ninguém mais se iria ocupar com as coisas terrenas. Não; o homem, instintivamente, procura o seu bem-estar e, embora certo de que só por pouco tempo permanecerá no lugar em que se encontra, cuida de estar aí o melhor ou o menos mal que lhe seja possível. Ninguém há que, dando com um espinho debaixo de sua mão, não a retire, para se não picar. Ora, o desejo do bem-estar força o homem a tudo melhorar, impelido que é pelo instinto do progresso e da conservação, que está nas leis da Natureza. Ele, pois, trabalha por necessidade, por gosto e por dever, obedecendo, desse modo, aos desígnios da Providência que, para tal fim, o pôs na Terra. Simplesmente, aquele que se preocupa com o futuro não liga ao presente mais do que relativa importância e facilmente se consola dos seus insucessos, pensando no destino que o aguarda.

Deus, conseqüentemente, não condena os gozos terrenos; condena, sim, o abuso desses gozos em detrimento das coisas da alma. Contra tais abusos é que se premunem os que a si próprios aplicam estas palavras de Jesus: *Meu reino não é deste mundo*.

Aquele que se identifica com a vida futura assemelha-se ao rico que perde sem emoção uma pequena soma. Aquele cujos pensamentos se concentram na vida terrestre assemelha-se ao pobre que perde tudo o que possui e se desespera.

7. O Espiritismo dilata o pensamento e lhe rasga horizontes novos. Em vez dessa visão, acanhada e mesquinha, que o concentra na vida atual, que faz do instante que vivemos na Terra único e frágil eixo do porvir eterno, ele, o Espiritismo, mostra que essa vida não passa de um elo no harmonioso e magnífico conjunto da obra do Criador. Mostra a solidariedade que conjuga todas as existências de um mesmo ser, todos os seres de um mesmo mundo e os seres de todos os mundos. Faculta assim uma base e uma razão de ser à fraternidade universal, enquanto a doutrina da criação da alma por ocasião do nascimento de cada corpo torna estranhos uns aos outros todos os seres. Essa solidariedade entre as partes de um mesmo todo explica o que inexplicável se apresenta, desde que se considere apenas um ponto. Esse conjunto, ao tempo do Cristo, os homens não o teriam podido compreender, motivo por que ele reservou para outros tempos o fazê-lo conhecido.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

Uma realeza terrestre

8. Quem melhor do que eu pode compreender a verdade destas palavras de Nosso Senhor: “O meu reino não é deste mundo”? O orgulho me perdeu na Terra. Quem, pois, compreenderia o nenhum valor dos reinos da Terra, se eu o não compreendia? Que trouxe eu comigo da minha realeza terrena? Nada, absolutamente nada. E, como que para tornar mais terrível a lição, ela nem sequer me acompanhou até o túmulo! Rainha entre os homens, como rainha julguei que penetrasse no reino dos céus! Que desilusão! Que humilhação, quando, em vez de ser recebida aqui qual soberana, vi acima de mim, mas muito acima, homens que eu julgava insignificantes e aos quais desprezava, por não terem sangue nobre! Oh! como então compreendi a esterilidade das honras e grandezas que com tanta avidez se requestram na Terra!

Para se granjear um lugar neste reino, são necessárias a abnegação, a humildade, a caridade em toda a sua celeste prática, a benevolência para com todos. Não se vos pergunta o que fostes, nem que posição ocupastes, mas que bem fizestes, quantas lágrimas enxugastes.

Oh! Jesus, tu o disseste, teu reino não é deste mundo, porque é preciso sofrer para chegar ao céu, de onde os degraus de um trono a ninguém aproximam. A ele só conduzem as veredas mais penosas da vida. Procurai-lhe, pois, o caminho, através das urzes e dos espinhos, não por entre as flores.

Correm os homens por alcançar os bens terrestres, como se os houvessem de guardar para sempre. Aqui, porém, todas as ilusões se somem. Cedo se apercebem eles de que apenas apanharam uma sombra e desprezaram os únicos bens reais e duradouros, os únicos que lhes aproveitam na morada celeste, os únicos que lhes podem facultar acesso a esta.

Compedeei-vos dos que não ganharam o reino dos céus; ajudai-os com as vossas preces, porquanto a prece aproxima do Altíssimo o homem; é o traço de união entre o céu e a Terra: não o esqueçais. - *Uma Rainha de França*. (Havre, 1863.)

OS QUATRO EVANGELHOS

TOMO IV

V. 28. Levaram então Jesus da casa de Caifás ao pretório. Era manhã. E eles não entraram no pretório para não se macularem e poderem comer a páscoa. — 29. Pilatos veio fora ao encontro deles e lhes disse: De que crime acusais este homem? — 30. Responderam-lhe: Se ele não fosse um malfeitor, não to entregaríamos. — 31. Disse-lhes Pilatos: tomai-o vós mesmos e julgai-o segundo a vossa lei. Os Judeus, porém, lhe responderam: Não nos é a nós permitido dar a morte a ninguém. — 32. Para que se cumprisse o que Jesus havia dito quando designara de que morte havia de morrer. — 33. Pilatos, pois, entrou novamente para o pretório, fez vir à sua presença Jesus e lhe perguntou: És o rei dos Judeus? — 34. Respondeu-lhe Jesus: Dizes isto de ti mesmo, ou outros to disseram de mim? — 35. Replicou-lhe Pilatos: Sou porventura judeu? Os de tua nação e os príncipes dos sacerdotes te entregaram às minhas mãos. Que fizeste? — 36. Respondeu-lhe Jesus: O meu reino não é deste mundo. Se deste mundo fosse o meu reino, certo os meus servidores combateriam para que eu não caísse nas mãos dos Judeus. Mas o meu reino não é agora deste mundo. — 37. Disse-lhe Pilatos: Então, és rei? Retrucou-lhe Jesus: Tu o dizes, sou rei. É por isso que nasci e vim a este mundo, para dar testemunho da verdade. Todo aquele que pertence à verdade escuta a minha voz. — 38. Perguntou-lhe Pilatos: Que é a verdade? E, dizendo isso, saiu e foi ter outra vez com os Judeus e lhes disse: Não acho neste homem crime algum. — 39. É, porém, costume entre vós que se vos solte um criminoso pela festa da páscoa. Quereis que vos solte o rei dos Judeus? — 40. Então se puseram todos novamente a clamar: Não este, sim Barrabás. Ora, Barrabás era um ladrão.

N. 59. A narrativa de João, neste ponto, como em todos, não deve ser separada das dos três outros evangelistas, por isso que elas se explicam e completam mutuamente, quanto às particularidades. O fundo, com relação aos fatos, é, em todas, o mesmo. Cada narrador, como sabeis, escreveu dentro do quadro que lhe fora traçado pela inspiração mediúnica, mas conservando a independência própria da natureza que lhe era peculiar.

Não temos que vos dar senão algumas explicações especiais, visto que, quanto ao mais, estes versículos são perfeitamente compreensíveis.

Dizendo: *“O meu reino não é deste mundo”*, põe Jesus em relevo a natureza espiritual da sua missão, *inteiramente estranha a interesses materiais, a aspirações materiais.*

Dizendo: *“Agora, porém, o meu reino não é deste mundo”*, afirma, com o servir-se do vocábulo *“agora”*, que dia virá em que o seu reino será deste mundo. Isso se dará quando, regenerados pela verdade, os homens houverem abandonado os atalhos que

os extraviam e fazem voltar incessantemente ao mesmo ponto e houverem tomado com decisão a estrada do progresso, tendo a iluminá-la o facho da verdade sustentado pela fé.

Depois de ouvir de Jesus as palavras a que acabamos de nos referir, Pilatos lhe observa: “*Então, és rei?*” Ao que responde ele: “Tu o dizes, *sou rei*; e é por isso que nasci e vim a este mundo, para dar testemunho da verdade. Todo aquele que pertence à verdade, escuta a minha voz.” Apresentando, com essa resposta, testemunho da sua realeza, Jesus confirma a autoridade que já dissera ter recebido de seu pai, antes que a Terra fosse criada. Refere-se, pois, *desse modo*, à sua autoridade de protetor e governador do vosso planeta. *É por isso*, quer dizer: porque é rei, rei do vosso planeta, na qualidade de seu protetor e governador, que ele aparecera na Terra, que viera ao mundo, para dar testemunho da verdade, testemunhando a autoridade que recebera do pai, *antes que a Terra fosse criada*; sancionando com a sua palavra o que, ao longo do passado até então, era obra de verdade; ministrando aos homens, pelo desempenho de sua missão, a verdade correspondente àquela época e ao futuro e destinada, conforme às suas promessas, *a se patentear aos olhares do homem*, à proporção que este se fosse mostrando capaz de a suportar e compreender; *a se patentear* sobretudo na era, que para vós se abre, do “Espírito da Verdade”, época por ele predita e prometida.

“Todo aquele que pertence à verdade escuta a minha voz.” E Pilatos lhe pergunta: “*Que é a verdade?*”

Reportai-vos às explicações por nós dadas (n. 47, vv. 4-5-6), a propósito destas palavras: “Eu sou o caminho, *a verdade*, a vida”; e às que demos (n. 48, v. 15; n. 49, vv. 25-26; n. 52, v. 26; n. 53, vv. 8, 11, 12 e 13), relativamente à missão do Espírito da Verdade, no passado e nos tempos atuais e futuros da nova era. Fazei-o e encontrareis a resposta à pergunta de Pilatos, sobre a qual Jesus guardou silêncio. Essa resposta o homem não era *então* capaz de a suportar e compreender. Só nos dias de hoje tinha que ser dada.

Pertence à verdade aquele que sabe que a verdade é relativa aos tempos e às necessidades das épocas; que é una, porém, mais ou menos encoberta, para só se ir mostrando na medida do que o homem possa suportar e compreender. Pertence à verdade aquele que sabe que, quanto mais o Espírito se eleva, tanto mais os véus da verdade se rasgam às suas vistas. Pertence à verdade aquele que sabe que esta é o conhecimento de todos os princípios, de ordem física, moral e intelectual, que conduzem a humanidade ao seu aperfeiçoamento, à fraternidade, ao amor universal; que a levam a desprender-se da matéria; que desenvolvem nela *sinceras aspirações ao espiritualismo*, à espiritualidade. Pertence à verdade aquele que consagra seus cuidados, suas faculdades e seus esforços à aquisição, à propagação daquilo que, *por essa forma*, sabe ser a verdade.

Todo aquele que pertence *assim* à verdade escuta a voz de Jesus, pois que Jesus é “a verdade”. Sua voz sempre se fez ouvir, em todas as épocas, *antes da sua missão terrena*, desde a *origem dos tempos*, pelos Espíritos do Senhor, seus

mensageiros, pelos Espíritos em missão, sempre superiores aos meios humanos onde surgiram, dando a verdade correspondente às necessidades de cada época. Aquela voz se fez ouvir *por ocasião da sua missão terrena*, quando ele veio pessoalmente dar testemunho da verdade. Fez-se ouvir depois, quando esta foi ensinada e propagada pelos apóstolos e discípulos e mais tarde por esses Espíritos em missão a quem chamais homens de escol pela inteligência e pelo coração; gênios benfeitores da humanidade, assim no que respeita à ordem física, como no tocante à ordem moral e à ordem intelectual.

Aquela voz vai fazer-se ouvida ainda por intermédio do “Espírito da Verdade” que, nos tempos atuais e futuros da era nova que se inicia, vem ensinar e ensinará progressivamente toda a verdade, à proporção que a puderdes ir compreendendo. E, nos tempos preditos, quando para isso os messias ou enviados vos tiverem preparado, quando vos houverdes tornado capazes de recebê-la, ele virá mostrá-la *sem véu*.